

**o riso frouxo
do homem
insignificante**

50 historietas tragicômicas

carlos motta



Algumas frases necessárias

Este pequeno exercício de prosa é dedicado aos meus amigos passados, presentes e futuros.

As lembranças forjam risos, reflexões, algumas tristezas e - sempre - a esperança de eu vir a ser, um dia, uma boa pessoa.

Nessa difícil empreitada agradeço especialmente à Liliana, mais que minha mulher, minha inseparável companheira.

Espero que se divirtam com o fruto da minha imaginação.

Carlos Motta

PS.: a capa é da Liliana, claro.

Conteúdo

O homem insignificante	4	O homem só	63
No sebo	8	A fonte da juventude 2	65
As cartas não mentem jamais	9	Traições	66
Chocolate doce demais	13	Álbum de fotografias	69
A fonte da juventude 1	14	Prosa e verso para o amor eterno	71
Duas caras	15	Presente de casamento	73
Quarteto de cordas	17	Um anjo	75
Porrada	18	Lencinho bordado	79
Amigo de infância	19	O gandula	82
Gol vermelho, flanela amarela	23	Superstição	84
Seqüestro por telefone	27	O ascensorista	85
Festa de confraternização	33	Rádio Peão	87
Telefone sem fio	36	O mentiroso	88
Grife	37	Bola pra frente	89
Vernissage	39	Uma rosa vermelha	91
Demais	42	O noivo	93
Techno Music	44	Pobre diabo	95
Zoológico	46	Aposentado	97
Esquina	48	Viagem	100
Telemarketing	50	Torcedor	104
Carta de amor	52	De carne e osso	106
Nana nenê	56	Gigante	107
No escurinho	57	É campeão!	110
Uma da tarde	60	Maldades	112
Filhinho	62	Deus desce à Terra	114

O homem insignificante



1

Não era baixo nem alto. Nem gordo nem magro. Não ganhava bem nem mal. Classe média, sustentava a família - mulher e filho - morando num apartamento de dois quartos, 55 metros quadrados, num bairro da periferia, comprado com a ajuda do sogro e do dinheiro do FGTS.

Almoçava fora de casa, ia ao trabalho no Palio 99 que levava uma vez por ano ao mecânico - de confiança - perto da padaria. Voltava só depois das 8 horas da noite. Comia alguma coisa que a mulher tinha feito no almoço, via o Jornal Nacional, lia a Folha, que comprava religiosamente na banca perto do emprego.

Dormia um sono agitado, tinha a pressão alta, mas não consultava nenhum médico. Preferia o remédio que o farmacêutico lhe vendia, com a garantia de que era um lançamento, tiro e queda e tal. Consultava a bula e fingia sacar tudo aquilo que as letrinhas prometiam e advertiam.



2

O dia em que voltou para casa com o coração disparado, quase na boca, a adrenalina solta no corpo cansado, começou com nuvens e terminou com chuva.

E foi a chuva a responsável por tudo.

Se o asfalto da rua do posto de gasolina onde, por R\$ 60 mensais guardava seu Palio, estivesse seco,

talvez,

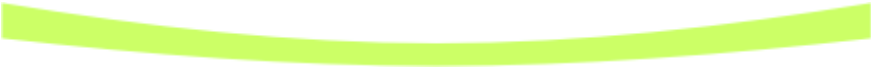
muito provavelmente,

com certeza absoluta,

aquele Gol verde tivesse parado apenas poucos metros depois de ter as rodas travadas pela ação instintiva do seu motorista que meteu o pé no freio quando o moleque largou a mão gorducha da mãe e correu desembestado sabe-se-lá-para-que-direção apenas que era para onde não deveria ir ou seja:

o meio da rua com o asfalto molhado e escorregadio.

A buzina estridente fez com que virasse a cabeça para a esquerda e fosse atingido de frente por pingos d'água agressivos e gelados. Aí, nesse instante, seu



olhar se congelou numa cena de cinema, uma tragédia
descolorida pelo anoitecer precoce devido às nuvens
opressivas daquele dia úmido.

pensou
não pensou

e se atirou com toda a força que pôde ao encontro
daquela figurinha de vermelho e verde e tão viva que
se movia como um personagem desarticulado de
desenho animado.

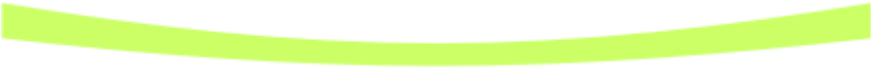
3

Ao tocar a campainha do apartamento no sexto andar
não esperava que sua mulher fosse se atirar em seus
braços e dizer eu te amo como nos filmes.

Nem que seu seu filho viesse lhe contar que era o
melhor aluno da escola que custava mais que o
salário mínimo por mês e não tolerava mensalidades
atrasadas.

Nada disso.

Sabia que naquela noite o sofá desbotado,
as cadeiras meio bambas,
a parede de cor indefinida,



os talheres gastos,
o prato lascado,
a comida insossa,
as notícias velhas da televisão e do jornal
e até mesmo o beijo mecânico de sua mulher murcha
e sem graça e a indiferença ingênua de seu filho
raqúitico e pálido
teriam um gosto único e especial.

Porque naquela noite ele não era o homem
insignificante que acostumara toda a sua vida a ser.

No sebo



- Olha só este disco. Dancei muito com essa música. Deixa ver, em 78, 79...

- E este livro, então... Leitura obrigatória no ginásio. Ninguém conhece mais hoje em dia.

Feito criança, percorria as estantes do sebo. As mãos já estavam pretas da sujeira das capas dos livros e discos. Mas os olhos cada vez mais brilhantes. Ao seu lado, o filho tentava se distrair num joguinho de gameboy.

- Pai, vamos embora, tô com vontade de fazer cocô.

- Já vai, já vai. Meu Deus, não acredito... Dei este LP de presente para sua mãe, quando a gente namorava. Que saudade! Você precisava ver, eu tinha um cabelo que vinha até aqui, ó...

O menino torceu o pescoço, passou a mão direita pela cabeça, olhou o pai de baixo para cima.

- Puxa como você é velho!

O passeio terminou num McDonald's que ficava numa praça desolada e suja, ao lado de uma avenida barulhenta e perigosa.

As cartas não mentem jamais



“Leio mãos - R\$ 10

Tarô - 10 perguntas R\$ 10, 20 perguntas

R\$ 15

Jogo búzios - R\$ 10

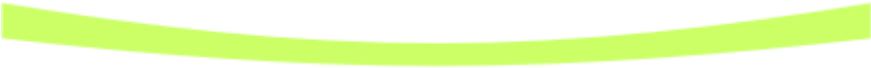
Leio o destino nas cartas - R\$ 15

Sucesso garantido - Vidente Nádía”

O cartaz estava pendurado numa mesa e a vidente Nádía era uma senhora de cabelos loiros oxigenados, de idade indefinida, que lia uma revista Caras na falta de clientes naquela feirinha de domingo do shopping do bairro.

Como a próxima sessão de cinema só começava em 40 minutos, Celinha achou que seria um bom investimento saber o que o futuro reservava a ela, 19 anos, cabecinha cheia de sonhos, e, na bolsa que levava a tiracolo, R\$ 60 em notas de R\$ 10 e R\$ 5 amassadas e misturadas com bilhetes de ônibus, tíquetes-refeição e um recorte de jornal que anunciava a vaga de secretária numa clínica dentária. “Não é preciso experiência”, dizia o texto.

Celinha, que não gostava de intimidades, e por isso não ia deixar que uma estranha pegasse em sua mão,



preferiu que a vidente Nádia lesse as cartas. Não sabia direito o que era tarô e achava búzios coisa de umbanda. O pastor de sua igreja falava sempre que essa gente não prestava.

Contente em ter sua primeira cliente do dia, a vidente Nádia prometeu a si mesma caprichar na leitura. Simpatizou com a moça morena, de olhos verdes e tímida, e improvisou um futuro belo, tranqüilo, sem nuvens e de um azul profundo para ela.

Quando terminou o serviço, a vidente Nádia pegou novamente a revista Caras da semana passada e voltou a ver as fotos da casa de praia de 400 metros quadrados do seu galã preferido, graças a Deus solteiro novamente.

Já Celinha hesitava entre passar os restantes 20 minutos para a sessão de cinema procurando uma blusa que combinasse com a calça comprada à prestação na semana passada ou chupando um sorvete. Acabou se entretendo com a criançada que patinava na pista de gelo montada no espaço onde antes ficavam as máquinas de fliperama. Se tivesse coragem, bem que gostaria de experimentar. Mas era

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

